

AVICULTURA DE POSTURA NO ESTADO DE SÃO PAULO

Sônia Santana Martins¹

A avicultura brasileira teve em 2002 um ano muito difícil, devido aos elevados preços do milho, decorrentes de redução na oferta do cereal. O ano de 2003 foi favorável, permitindo a recuperação da rentabilidade do setor, e 2004 não foi ruim até o mês de agosto, quando o preço médio do ovo branco extra recebido pelo produtor foi de R\$39,17 a caixa de 30 dúzias.

Em período recente, o melhor ano para a avicultura de postura, em termos de poder de compra do ovo, foi 2001, quando o preço de uma caixa do ovo branco extra ao produtor permitia a compra de 151kg de milho e 42,7kg de farelo de soja (Tabela 1). Após a queda drástica do poder de compra do ovo verificada em 2002, especialmente em relação ao milho, houve boa recuperação em 2003, especialmente em relação ao farelo de soja. No primeiro semestre de 2004 houve uma piora nas relações de troca, mais acentuada no caso do farelo de soja.

Nos últimos anos não se verificou grande variação nas margens brutas do atacado e do varejo de ovos no mercado da Cidade de São Paulo (Tabela 1).

A piora do poder de compra do ovo, verificada no primeiro semestre de 2004, decorreu da redução real de seu preço e de seus principais insumos, ocorrida aliás em todos os níveis de mercado, pois o preço real do milho apresentou estabilidade de 2002 em diante e o preço do farelo de soja apresentou pequena alteração quando comparada à verificada no preço do ovo (Tabela 2).

Essa estabilidade nos preços reais do milho nos últimos dois anos está relacionada à intensificação do comércio internacional do produto brasileiro, viabilizada pela redução de seu custo de produção, que o tornou competitivo. As exportações de milho crescem quando o preço interno está inferior ao do mercado externo e as importações crescem quando o preço interno está muito alto, favorecendo a manutenção de preços reais estáveis no mercado interno, desde que

não haja sobressaltos na taxa de câmbio nem variações significativas no preço internacional, como ocorreu recentemente no caso da soja. A avicultura, sem dúvida, é favorecida pela relativa estabilidade do preço de seus insumos.

Infelizmente a possibilidade de maior entrada do ovo brasileiro no mercado externo, favorecida desde 2003 pela redução ocorrida na produção europeia e asiática decorrente da epidemia de "influenza", não se concretizou. As exportações de ovo e derivados continuam muito pequenas, incapazes de regular preços no mercado interno.

Em setembro de 2004, o preço do branco extra ao produtor caiu para R\$26,00 e R\$27,00 no interior de São Paulo, e os produtores passaram a operar com prejuízo, pois esse preço não cobre sequer o custo da ração necessária para produzi-lo, que está em torno de R\$29,00, segundo a Associação dos Produtores de Ovos do Estado de São Paulo (APOESP). Note-se que normalmente há reduções no preço do ovo no decorrer do segundo semestre do ano, pois o aumento da temperatura inibe o consumo. Nos países do hemisfério norte ocorre o contrário, o segundo semestre costuma ser o melhor do ano para os produtores de ovos.

Segundo atacadistas do setor, nota-se, no início de outubro, grande participação de ovos pequenos na oferta total do produto, o que indica a entrada em produção de grande número de aves jovens. A APOESP está recomendando a seus associados que reduzam seus plantéis de poedeiras, eliminando as aves mais velhas para reduzir a oferta, numa tentativa de recuperar preços.

Algumas redes de supermercados, aproveitando a drástica queda de preço ao produtor ocorrida em setembro, estão anunciando ofertas de ovo por R\$1,15 a R\$1,30 a dúzia. Segundo analistas do mercado, isso está facilitando o escoamento da produção e os preços ao produtor estão baixos, mas sem tendência de queda.

Para evitar maiores problemas, caso a "influenza" atinja a avicultura nacional, as autoridades sanitárias e as entidades brasileiras de

¹Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

TABELA 1- Relação entre Preços Relevantes na Avicultura de Postura, 1998 a 2004¹

Discriminação	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Ovo/milho	135,2	120,5	101,6	151	106,8	130,8	126,9
Ovo/farelo de soja	41,5	44,8	43,2	42,7	44,6	61,6	46,9
Ovo/pinto de um dia	26,7	25,6	26,7	27	28,3	34,7	30,5
Atacado/produtor	1,1	1,2	1,3	1,2	1,2	1,1	1,1
Varejo/atacado	1,9	2	1,7	1,8	1,7	1,8	1,9

¹Refere-se ao período janeiro a julho.
Fonte: Elaborada a partir de dados do IEA.

TABELA 2 - Preços Médios Correntes e Reais do Ovo Branco Extra, do Farelo de Soja e do Milho e suas Variações Reais no Estado de São Paulo, 1998 a 2004¹

Item	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004
Preço ao produtor (cx.30dz. extra)	18,53	19,26	21,54	23,38	27,05	40,29	37,84
Preço no atacado (cx.30dz. extra)	20,89	23,01	26,85	27,61	31,06	43,56	39,96
No varejo, média vários tipos (dz.)	1,31	1,48	1,47	1,64	1,77	2,56	2,44
Farelo soja (kg)	0,45	0,43	0,50	0,55	0,60	0,65	0,81
Milho (60kg)	8,25	9,94	12,82	9,55	16,07	18,95	17,95
Preços em R\$ de jun. de 2004							
Extra ao produtor (cx.30dz. extra)	29,33	29,07	30,37	30,86	32,91	42,74	37,84
Extra no atacado (cx.30dz. extra)	33,06	34,73	37,86	36,44	37,79	46,21	39,96
No varejo, média vários tipos (dz.)	2,07	2,23	2,07	2,16	2,15	2,72	2,44
Farelo soja (kg)	0,71	0,65	0,71	0,73	0,73	0,69	0,81
Milho (60kg)	12,34	14,17	17,08	11,91	18,47	18,99	16,96
Variações dos preços reais (%)							
Produtor (cx.30dz. extra)		-0,9	4,5	1,6	6,7	29,9	-11,5
Atacado (cx.30dz. extra)		5,0	9,0	-3,8	3,7	22,3	-13,5
Ovo varejo (dz.)		7,7	-7,2	4,4	-0,5	26,1	-10,0
Farelo soja (kg)		-8,9	8,6	3,0	0,6	-5,5	17,5
Milho (60kg)		14,9	20,5	-30,3	55,1	2,8	-10,7

¹Refere-se ao período janeiro a julho.
Fonte: Elaborada a partir de dados do IEA e do IBGE.

produtores de frango e de ovo estão estudando a definição de uma regionalização sanitária do País, que tende a acompanhar a divisão do País em estados. Com essa regionalização e a instalação de barreiras sanitárias, surtos de doença em um determinado estado serão contidas em seu território e não comprometerão a exportação

de todos os demais, tal como ocorreria hoje, quando todo o País é considerado uma única unidade. Para ser eficaz a regionalização precisa ser aceita pela entidade internacional de controle de doenças e pelos parceiros comerciais, o que depende da credibilidade alcançada pelas barreiras sanitárias inter-regionais.